PRÁTICA PEDAGÓGICA E PRATICA DOCENTE EM CONTEXTOS DE FRONTEIRA*

PEDAGOGICAL AND TEACHING PRACTICES IN BORDER CONTEXTS

DOI 10.55028/geop.v21i40

Laiz Nascimento Egues**
Patricia Teixeira Tavano***

Resumo: Este estudo analisa as contribuições de diferentes pesquisas sobre prática pedagógica e pratica docente em contextos escolares de fronteira. Os trabalhos examinados evidenciam que a diversidade cultural, linguística e social presente nesses territórios exige dos professores uma atuação intercultural, reflexiva e inclusiva. Os estudos destacam desafios relacionados ao bilinguismo, às migrações, à xenofobia, às identidades híbridas e à formação docente, além da necessidade de valorização dos saberes locais. Conclui-se que práticas pedagógicas e docentes contextualizadas e sensíveis às especificidades fronteiriças favorecem a inclusão, o pertencimento e a aprendizagem, contribuindo para uma educação mais democrática e socialmente comprometida**.**

Palavras-chave: Fronteira, Pratica Pedagógica, Pratica Docente

Abstract: This study analyzes the contributions of different research studies on teaching practice and pedagogical practice in border school contexts. The studies examined show that the cultural, linguistic, and social diversity present in these territories requires teachers to adopt intercultural, reflective, and inclusive approaches. The research highlights challenges related to bilingualism, migration, xenophobia, hybrid identities, and

Introdução

A compreensão da atividade docente implica reconhecer a complexidade inerente às práticas envolvidas, o que nos leva à distinção e a articulação entre práticas pedagógicas e práticas docentes. Os conceitos frequentemente utilizados como termos próximos, por vezes equivalentes, trazem distinções importantes.

As práticas pedagógicas referem-se ao conjunto de ações organizadas intencionalmente para orientar o processo de ensino-aprendizagem, envolvendo planejamento, metodologias, objetivos e estratégias educativas (Franco, 2016). Já a prática docente se volta ao exercício concreto do professor no cotidiano escolar, incorporando não apenas aspectos didáticos, como

* O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

** Pedagoga, mestranda em educação (UFMS/CPAN). ORCID: https://orcid.org/0009-0006-9734-0387 . E-mail: laiz.nascimento@ufms.br.

*** Pedagoga, mestre e doutora em Educação (USP/SP), pós-doutorado em Estudos Fronteiriços (UFMS/CPAN). ORCID: https://orcid.org/0000-0002-3145-7818. E-mail: patricia.tavano@ufms.br.

teacher education, as well as the need to value local knowledge. It is concluded that pedagogical practices that are contextualized and sensitive to border specificities promote inclusion, a sense of belonging, and learning, contributing to a more democratic and socially committed education.

Keywords: Border; Pedagogical Practice, Teaching Practice.

planejamento, metodologias e avaliações, mas também relações, experiências, improvisações e decisões que emergem da realidade da sala de aula (Tardif, 2000). Nesse sentido, as práticas pedagógicas assumem uma posição mais ampla de planejamento e a intencionalidade do ato educativo, enquanto a prática docente se materializa na execução e ressignificação dessas intenções no contexto da relação do professor com o estudante e o processo de ensino-aprendizagem.

No cotidiano escolar, essa relação nem sempre ocorre de forma linear, pois muitas vezes o professor se vê diante de situações que exigem adaptações, flexibilizações e até mesmo a superação de roteiros previamente definidos. Assim, a prática docente revela-se dinâmica, viva e profundamente marcada pelas condições concretas em que o ensino acontece. Tardif (2000, p. 4) justifica que:

> Um professor raramente tem uma teoria ou uma concepção unitária de sua prática; ao contrário, os professores utilizam muitas teorias, concepções e técnicas, conforme a necessidade, mesmo que pareçam contraditórias para os pesquisadores universitários. Sua relação com os saberes não é de busca de coerência, mas de utilização integrada no trabalho, em função de vários objetivos que procuram atingir simultaneamente.

No entanto, observa-se que, em muitos contextos educacionais, o trabalho docente ainda se apoia em práticas pedagógicas rigidamente estruturadas,

que acabam sendo reproduzidas de maneira mecânica, sem a devida reflexão sobre sua intencionalidade e sobre os sentidos da aprendizagem. Essa realidade pode comprometer a construção de uma aprendizagem significativa, uma vez que desconsidera as singularidades dos estudantes e os contextos socioculturais em que estão inseridos. Por isso, torna-se fundamental compreender como os professores interpretam e ressignificam essas práticas no cotidiano escolar. Franco (2016, p. 538) exemplifica que:

> A grande diferença é a perspectiva de ser crítica e não normativa; de ser práxis e não treinamento; de ser dialética e não linear. Nessa perspectiva, as práticas pedagógicas realizam-se como sustentáculos à prática docente, num diálogo contínuo entre os sujeitos e suas circunstâncias, e não como armaduras à prática, que fariam com que esta perdesse sua capacidade de construção de sujeitos.

Dessa forma, este artigo se propõe a analisar como a prática pedagógica e as práticas docentes se articulam, considerando o modo como os professores vivenciam, compreendem e transformam essas dimensões no cotidiano escolar, tendo como foco as especificidades e características encontradas em escolas em contexto de fronteiras internacionais.

Trata-se de pesquisa bibliográfica que utiliza como base de dados a SciELO Brasil, com levantamento realizado entre os dias 13 e 15 de maio de 2026 que utilizou os mecanismos de busca do próprio portal, sem delimitação do período de publicação das obras.

Foram utilizadas as palavras chave: 1. “escolas fronteiriças”, que resultou em 1 artigo indicado e selecionado; 2. “prática docente” and “fronteira”, sendo indicados quatro artigos, dos quais dois foram descartados porque tratavam de práticas relacionadas ao atendimento à saúde; 3. “prática pedagógica” and “fronteira”, resultou em quatro achados que já estavam contemplados no descritor anterior de prática docente; 4 “educação” and “fronteira” trouxe 103 artigos que foram analisados a partir dos títulos, sendo selecionados 14, porém, destes um já estava vinculado ao descritor “escolas fronteiriças” e dois estavam associados aos descritores “prática docente e fronteira”, totalizando 11 artigos neste quarto descritor.

Os 14 artigos selecionados na somatória dos quatro grupos de descritores utilizados foram analisados em sua totalidade e deles foram excluídos cinco artigos que se mostraram fora do escopo, ao discutir a fronteira em outras bases polissêmicas, e não no contexto de fronteira internacional discutido nesse artigo.

Consideramos que os contextos de fronteira são marcados pela diversidade cultural, linguística, social e identitária, elementos que influenciam diretamente

os processos educativos e as práticas desenvolvidas no ambiente escolar. A fronteira não deve ser compreendida apenas como um limite geográfico entre países, mas como um espaço de encontros, trocas culturais, conflitos, negociações e construções identitárias (Egues; Tavano, 2026). Nesse cenário, a escola assume um papel fundamental na mediação entre diferentes culturas e saberes, exigindo dos professores uma prática docente mais flexível, sensível e contextualizada às realidades vividas pelos estudantes (Egues; Tavano, 2026).

A prática pedagógica e docente em regiões de fronteira necessita adaptar-se às especificidades socioculturais presentes nesses territórios. Os professores enfrentam desafios relacionados às diferenças linguísticas, às desigualdades sociais, às múltiplas identidades culturais e às formas diversas de aprendizagem dos alunos. Assim, torna-se necessária a construção de práticas pedagógicas interculturais, inclusivas e dialógicas, capazes de valorizar os conhecimentos locais e promover uma educação que respeite as diferenças.

Além disso, estudos sobre educação em contextos fronteiriços, para Bumlai e Bilange (2014), analisam as relações interculturais presentes nas escolas da fronteira Brasil-Bolívia e destacam que a convivência entre estudantes de diferentes nacionalidades, línguas e culturas produz desafios específicos para o ambiente escolar. Evidencia que muitos conflitos, dificuldades de comunicação e situações de preconceito decorrem do desconhecimento das particularidades culturais dos grupos que compartilham esse espaço.

Diante dessa realidade, as autoras defendem a necessidade de práticas pedagógicas voltadas para a integração intercultural, valorizando a diversidade e promovendo o respeito às diferenças. A atuação docente torna-se fundamental, pois cabe ao professor mediar as relações entre os diferentes sujeitos, criar oportunidades de diálogo e desenvolver estratégias educativas que favoreçam a inclusão e a construção de uma convivência mais harmoniosa no espaço fronteiriço.

Golin e Assumpção (2017) discutem a educação intercultural em escolas localizadas na fronteira Brasil-Bolívia, destacando que o cotidiano escolar é permeado por encontros e tensões entre diferentes culturas, valores, costumes e formas de linguagem. Os autores argumentam que essas "fricções culturais" fazem parte da dinâmica dos espaços fronteiriços e influenciam diretamente os processos de ensino e aprendizagem.

Nesse contexto, defendem que a atuação docente não pode ignorar a diversidade cultural presente na escola, mas deve incorporá-la como elemento constitutivo das práticas pedagógicas. Para os autores, o professor desempenha um papel fundamental na mediação das relações interculturais, promovendo o diálogo,

o respeito às diferenças e a valorização das múltiplas identidades presentes no ambiente escolar.

Dessa forma, a educação intercultural é compreendida como um caminho para superar preconceitos e construir práticas educativas mais inclusivas e adequadas às especificidades dos territórios de fronteira. Santos *et al.* (2024) destaca que a realidade educacional da fronteira Brasil-Bolívia é marcada pela convivência de diferentes línguas, culturas e identidades, o que exige dos professores uma atuação sensível às especificidades desse contexto. As autoras evidenciam que a presença de estudantes brasileiros, bolivianos e de outras nacionalidades nas escolas de Corumbá-MS demanda práticas pedagógicas voltadas para a valorização da diversidade cultural e linguística, superando perspectivas homogêneas de ensino.

Nesse sentido, a formação docente torna-se fundamental para que os professores desenvolvam competências interculturais capazes de promover o diálogo entre diferentes saberes e experiências, favorecendo processos educativos mais inclusivos e contextualizados às dinâmicas sociais e culturais características dos espaços fronteiriços A escola de fronteira demanda práticas docentes que ultrapassem modelos homogêneos de ensino, promovendo o diálogo entre diferentes culturas e reconhecendo as identidades híbridas que caracterizam os sujeitos fronteiriços. Dessa forma, o trabalho pedagógico passa a ser compreendido como um processo de constante reconstrução, no qual o professor atua como mediador entre diferentes realidades culturais, sociais e linguísticas.

Prática pedagógica e Prática Docente mediada pela presença da fronteira

Ana Milheiro da Silva e Sofia Marques da Silva em seu artigo "Escolas resilientes: indicadores a partir de literatura e de projetos de escolas de fronteira" (Silva; Silva 2022). As autoras discutem o conceito de "escolas resilientes" a partir da análise de 116 artigos científicos e 38 projetos educativos de escolas localizadas em regiões de fronteira de Portugal. As autoras argumentam que escolas resilientes são aquelas capazes de enfrentar situações adversas, como isolamento geográfico, desigualdades sociais, falta de recursos e desafios territoriais, sem perder sua função educativa e social, destacando as escolas de fronteira desenvolvem estratégias específicas para superar dificuldades e fortalecer a aprendizagem e a permanência dos estudantes. O artigo também enfatiza que essas escolas criam formas inovadoras de organização e ensino para responder às necessidades do contexto em que estão inseridas, caracterizando a resiliência escolar não apenas como resistência às dificuldades, mas como capacidade coletiva de adaptação, transformação e promoção de justiça social em territórios considerados periféricos ou vulneráveis.

A prática pedagógica e a prática docente estão diretamente relacionadas à construção de escolas capazes de enfrentar os desafios presentes nos territórios fronteiriços. As ações educativas desenvolvidas nessas escolas valorizam a cultura local, promovem a participação dos estudantes e fortalecem os vínculos entre escola e comunidade, tornando o processo de ensino mais significativo e contextualizado. O professor assume um papel fundamental como mediador das aprendizagens e articulador de projetos coletivos, atuando de forma colaborativa e sensível às especificidades sociais e culturais da fronteira. Assim, a prática docente e a prática pedagógica são compreendidas como elementos essenciais para a promoção da inclusão, do sentimento de pertencimento e da resiliência escolar, contribuindo para que a escola responda de maneira eficaz às necessidades da comunidade em que está inserida (Silva; Silva 2022).

O artigo "A Educação Especial Inclusiva em Contexto de Diversidade Cultural e Linguística: Práticas Pedagógicas e Desafios de Professoras em Escolas de Fronteira", de Raiane Paim Pinto e Maria Luzia da Silva Santana, analisa as práticas pedagógicas desenvolvidas por professoras em escolas localizadas na região de fronteira entre Ponta Porã (Brasil) e Pedro Juan Caballero (Paraguai). O estudo evidencia que a prática docente em regiões fronteiriças exige dos professores uma atuação marcada pela adaptação constante às diferenças culturais e linguísticas presentes no cotidiano escolar. As docentes entrevistadas para a pesquisa relataram a necessidade de construir materiais pedagógicos diferenciados e estratégias inclusivas capazes de atender estudantes paraguaios que possuem como língua materna o guarani e o espanhol. Dessa forma, o artigo demonstra que a prática docente na fronteira ultrapassa os limites do ensino tradicional, exigindo sensibilidade cultural, flexibilidade pedagógica e compreensão das especificidades dos sujeitos que vivem nesse contexto. Pinto e Santana (2020, p. 497) justificam que:

> Discutir questões linguísticas e culturais da pessoa na condição de deficiência é fundamental para o processo de ensino e aprendizagem em contextos marcados pelo multilinguismo. A linguagem é construída socialmente e tem papel fundamental na constituição do homem ao possibilitar a interação social, o pensamento generalizante e a formação do pensamento humano[...]. O desenvolvimento das funções psicológicas superiores é impulsionado pela interação, pelas relações sociais e pela linguagem. Nesse processo, a própria cultura reelabora o comportamento natural da criança [...].

Além disso, o texto destaca que os desafios enfrentados pelas professoras estão diretamente relacionados às barreiras linguísticas e à ausência de formação específica para atuar em contextos multiculturais e inclusivos. As autoras apontam que muitas dificuldades de aprendizagem podem ser agravadas quando a escola não reconhece a diversidade linguística dos estudantes fronteiriços, o que pode gerar processos de exclusão escolar. Nesse sentido, o artigo contribui para

a reflexão sobre a prática docente em regiões de fronteira ao evidenciar que o trabalho do professor precisa considerar os aspectos sociais, culturais e identitários que atravessam o ambiente escolar. Assim, à docência em contextos fronteiriços se caracteriza como uma prática complexa, que demanda formação continuada, políticas públicas adequadas e práticas pedagógicas inclusivas que valorizem a diversidade cultural e linguística dos alunos. Pinto e Santana (2020, p. 506) exemplificam que:

> As práticas pedagógicas são cruciais para o desenvolvimento do estudante paraguaio, público-alvo da Educação Especial no Brasil, devendo trabalhar os aspectos sociais, cognitivos e culturais, sobretudo considerando a sua diversidade linguística. A partir da leitura da psicologia sócio-histórica cultural, é possível sugerir como necessária a criação de interações e mediações pedagógicas que potencializem os saberes dos estudantes. Entende-se que os obstáculos são produzidos de maneira histórica, cultural e social. A partir dessa óptica, considera-se como uma das principais barreiras à inclusão escolar de estudantes paraguaios em escolas brasileiras a invisibilidade de suas peculiaridades, que limita a prática pedagógica.

No artigo "La escuela, diferentes contextos culturales y culturas de frontera", o autor Jacinto Ordóñez Peñalonzo discute o papel da escola diante das múltiplas culturas presentes nos espaços latino-americanos, especialmente nas regiões de fronteira. O texto destaca que a escola não pode ignorar as diferenças culturais e linguísticas dos estudantes, pois esses elementos fazem parte da realidade cotidiana dos sujeitos que vivem nesses territórios. A partir dessa perspectiva, o artigo contribui para compreender que a prática docente em regiões fronteiriças precisa ser construída de maneira intercultural, considerando os conhecimentos, valores e identidades que os alunos carregam de seus diferentes contextos sociais. Assim, o professor deixa de assumir apenas uma função transmissora de conteúdos e passa a atuar como mediador de diálogos culturais dentro da escola. Peñalonzo (2003, p. 149) justifica que:

> (...) las culturas que se ven obligadas a traspasar fronteras culturales no sólo confirman su identidad sino que, confirmándola, crean formas culturales originarias para ser aceptados por las culturas dominantes y para integrarse – no necesariamente para adaptarse – a las nuevas situaciones que se imponen.

Além disso, o autor argumenta que os processos de globalização e exclusão social também produzem "culturas de fronteira", marcadas por desigualdades, conflitos e novas formas de organização social. Nesse contexto, a prática docente em áreas fronteiriças torna-se desafiadora, pois exige dos professores sensibilidade para lidar com realidades complexas e frequentemente atravessadas por tensões sociais, econômicas e culturais. O artigo aproxima-se das concepções de Paulo Freire ao defender uma educação crítica e humanizadora, capaz de reconhecer

os estudantes como sujeitos históricos e culturais. Dessa forma, à docência em fronteiras demanda práticas pedagógicas flexíveis, dialógicas e inclusivas, que valorizem a diversidade cultural e contribuam para a construção de uma escola mais democrática e socialmente comprometida. Peñalonzo (2003, p.154) exemplifica que:

> La invasión cultural ha puesto en evidencia que no es viable la homogenización cultural y que, a pesar de la cantidad de los recursos que poseen los globalizadores, y por eso su gran capacidad de penetración, siguen presentes las luchas de una cultura de liberación. El multiculturalismo y las culturas de frontera es lo que da vigencia a "la educación como práctica de libertad" y hacen de esta práctica una "pedagogía de la esperanza", educación y pedagogía de las cuales nos habló Freire, em sus libros.

O artigo "O que ou quem sou, afinal de contas? Sou brasileiro ou Uruguaio, professor?" de Regina Maria de Souza e Alexandre Filardi de Carvalho, analisam principalmente as experiências de duas crianças da região de fronteira que vivem a dúvida sobre quem são: brasileiras ou uruguaias. A partir dessas histórias, eles mostram que a fronteira produz um sentimento ambíguo de pertencimento. A pessoa vive entre duas culturas, duas línguas e duas formas de identificação nacional. Assim, a identidade não aparece como algo fixo ou "puro", mas como algo híbrido, em constante transformação. Souza e Carvalho (2010, p. 103) exemplificam que:

> Retirando-se a ideia de individualidade, o que temos é o fato de que todas as línguas têm uma tendência ilimitada para a dispersão e a hibridização. Se isso ocorre, é também porque o homem, ser falante, é movido para a dispersão e a hibridização – haverá nele uma falta constitutiva da qual a língua é efeito. Dito de outro modo, um indivíduo, ou seja, um organismo indiviso, não individual, como unidade estável de caracteres que se mantêm estáveis, é uma ficção ainda maior, ou tão grande como algo que se denomine identidade linguística.

O texto critica a ideia tradicional de identidade nacional como algo fechado e homogêneo. Para os autores, na fronteira isso se rompe, porque os sujeitos convivem diariamente com misturas culturais e linguísticas. A fronteira é apresentada como um espaço onde o português e o espanhol se cruzam, onde hábitos, costumes e modos de viver se misturam, criando sujeitos que não pertencem totalmente a apenas um lado. Souza e Carvalho (2010, p. 113) justifica que:

> O nosso engano é o de pensar que a fronteira é um lugar. Ao contrário, a fronteira representa o não lugar, pois é dispersão, ou melhor, ainda, é o atravessar. Portanto, um processo que pulveriza o sujeito como identidade assumida, chancelando-lhe uma modificação em seu próprio status, tal como ele pode assumir, ao dizer Yo ou Eu, ou os dois.

A prática pedagógica e docente não deve se basear em concepções rígidas de identidade nacional, mas considerar as múltiplas experiências culturais vividas pelos estudantes. Dessa forma, as práticas, precisam promover o diálogo intercultural, o respeito às diferenças e a valorização dos saberes construídos na fronteira. O trabalho docente, nesses contextos, vai além da transmissão de conteúdos, envolvendo a construção de espaços educativos que acolham as diferentes formas de ser, falar e viver dos sujeitos fronteiriços, favorecendo processos de ensino e aprendizagem mais inclusivos e significativos

O artigo "Vendo que não se enxergava: condições epistemológicas para construção do conhecimento coletivo e reflexivo da lingua(gem), em contexto escolar", de Maria Elena Pires Santos, Mariangela Garcia Lunardelli, Neiva Maria Jung e Regina Coeli Machado e Silva, mostra que a escola frequentemente tenta enquadrar os sujeitos em categorias rígidas, brasileiro ou uruguaio sem considerar as experiências reais vividas na fronteira. Os autores defendem uma educação mais sensível às diferenças culturais e linguísticas, capaz de reconhecer a pluralidade dos estudantes fronteiriços.

Santos *et al*. (2015) discute como a escola, especialmente em contextos de fronteira, muitas vezes ignora os conhecimentos e as experiências culturais que os estudantes trazem de suas vivências cotidianas. A narrativa do texto mostra que, ao acompanhar o cotidiano escolar por meio da etnografia, as pesquisadoras perceberam que existiam práticas linguísticas invisibilizada pela escola, principalmente entre alunos que transitavam entre diferentes línguas e culturas. Santos *et al*. (2015, p. 38) justifica que:

> A experiência etnográfica a que nos referimos neste artigo identifica todas as atividades das quais participamos no cotidiano do Colégio e, como em todo processo etnográfico, não seguiu um modelo ou uma receita contendo regras. O modo como aos poucos fomos participando dessas atividades e sendo aceitos permitiu, assim, construir progressivamente um conhecimento conjunto. Não só na LA, a etnografia é mais que um método, é a própria teoria vivida [...]

O artigo apresenta a fronteira como um espaço de diversidade, onde os sujeitos constroem identidades híbridas e modos próprios de falar, mas que frequentemente são desvalorizados pela instituição escolar em favor de uma linguagem considerada "correta" e homogênea. Assim, as autoras defendem a necessidade de tornar visíveis esses saberes e reconhecer que o conhecimento pode ser produzido coletivamente, a partir do diálogo entre professores, estudantes e comunidade. Aborda a prática docente, principalmente quando discute o papel do professor na construção de um ensino mais reflexivo e sensível às realidades locais. As autoras mostram que o trabalho docente não deve se limitar à reprodução de conteúdo

prontos ou normas linguísticas rígidas, mas precisa considerar as experiências culturais e linguísticas dos alunos como parte do processo educativo. Santos *et al*. (2015, p. 53) exemplificam que:

> [...] às experiências vivenciais dos alunos para além da escola e buscando o que nos unia a eles, em suas diferenças linguístico-culturais, que os gêneros discursivos se revelaram como práticas sociais compartilhadas entre nós, em diferentes graus tanto de familiaridade quanto de estranhamento. Por meio deles foi possível trabalhar as práticas sociais de uso da leitura e escrita enquanto práticas do cotidiano, pois, para reconstruir a memória [...]

Nesse sentido, a prática docente aparece vinculada à escuta, à reflexão crítica e à valorização das diferenças presentes na escola. O artigo evidencia que o professor, ao reconhecer os repertórios linguísticos e culturais dos estudantes da fronteira, contribui para a construção de uma educação mais inclusiva e democrática, rompendo com modelos tradicionais que silenciam determinadas vozes e saberes.

O artigo "Docência e Relações Interculturais na Fronteira Brasil-Venezuela" Viviane Inês Weschenfelder, Joelma Fernandes de Oliveira, Elí Terezinha Henn Fabris analisa as relações interculturais presentes em uma escola pública localizada na fronteira Brasil–Venezuela, a partir das narrativas de professores que vivenciam o cotidiano escolar marcado pela presença de estudantes brasileiros, venezuelanos e indígenas. As autoras discutem como a docência nesse contexto é atravessada por diferenças culturais, linguísticas e sociais, que produzem tanto tensões quanto possibilidades de aprendizagem. A pesquisa evidencia que a escola de fronteira se configura como um espaço complexo, no qual múltiplas identidades se encontram e exigem dos professores uma constante adaptação de suas práticas pedagógicas (Weschenfelder *et al.*, 2021).

Os docentes interpretam a presença da diversidade cultural de maneiras distintas: ora como desafio, devido às dificuldades de comunicação e integração, ora como riqueza pedagógica, capaz de ampliar as experiências educativas. As autoras defendem que a docência nesse cenário precisa ser compreendida como uma prática intercultural, em que o professor atua como mediador entre diferentes culturas, valorizando os saberes dos estudantes migrantes e promovendo uma educação mais inclusiva e sensível às especificidades da fronteira. Weschenfelder *et al.* (2021, p. 684) justifica que:

> Além da luta pela interculturalidade crítica, [...] a docência engendrada pelo ethos fronteiriço envolve outras questões que precisam ser consideradas. As limitações em relação à formação de professores, a falta de recursos e a responsabilização docente pelo eventual fracasso acadêmico dos alunos são algumas dessas questões. Sem dúvidas, o avanço na temática da fronteira e da docência nesse contexto depende do debate coletivo e do comprometimento não apenas da região fronteiriça, mas de toda a sociedade

> brasileira. Um bom começo seria, quem sabe, perguntarmo-nos o que temos a aprender com a escola de fronteira, pois compreendemos que ela é um espaço potente para pensar a alteridade e a diferença na educação.

A prática pedagógica é apresentada como um processo que vai além da transmissão de conteúdos, envolvendo a construção de estratégias educativas voltadas para o diálogo entre culturas, o respeito às diferenças e a promoção da inclusão. Assim, o estudo destaca que a atuação docente e as práticas pedagógicas interculturais são fundamentais para criar ambientes de aprendizagem mais democráticos, favorecendo a convivência, o pertencimento e o desenvolvimento dos alunos em contextos marcados pela pluralidade cultural característica das regiões de fronteira.

O artigo "Reflexões sobre a formação ampliada do professor de línguas para atuar em contexto multilíngue/multicultural de fronteira", de Maria Elena Pires Santos, discute a necessidade de repensar a formação docente para atender às especificidades das regiões de fronteira, marcadas pela convivência entre diferentes línguas, culturas e identidades. A autora argumenta que os modelos tradicionais de formação de professores de línguas muitas vezes desconsideram a realidade sociolinguística desses espaços, nos quais os estudantes transitam constantemente entre português, espanhol, guarani e outras variedades linguísticas. Nesse sentido, o artigo defende uma formação ampliada, capaz de compreender a linguagem como prática social e cultural, relacionada às experiências vividas pelos sujeitos da fronteira. Santos (2022, p. 07) justifica que:

> Em relação à língua(gem), por exemplo, uma perspectiva colonialista, no sentido de estar voltada para uma visão homogênea, monolítica e imutável, muito comum no cenário educacional, legitima os significados culturais de grupos dominantes como forma de conhecimento privilegiado. Legitimação que também se estende para interlocutores legitimados, sob condições em que se impõem certas formas de uma língua convencionada como padrão, deixando à margem uma parcela significativa de alunos e demais cidadãos, principalmente quando em contexto de fronteira.

A prática docente em contextos multilíngues exige do professor uma postura intercultural e sensível às diferenças presentes no cotidiano escolar. A autora destaca que as práticas pedagógicas precisam valorizar os repertórios linguísticos dos estudantes, reconhecendo o bilinguismo e as práticas translíngues como elementos legítimos do processo educativo, e não como dificuldades de aprendizagem. Assim, o artigo possui relação direta com práticas docentes e pedagógicas em contextos de fronteira, pois discute como o professor pode construir metodologias mais inclusivas, dialogando com a diversidade cultural e linguística característica dessas regiões. Santos (2022, p. 16) ressalta que:

> [...] as práticas translíngues são próprias do repertório linguístico dos sujeitos bi/multilíngues e correspondem à capacidade de se usar os processos dinâmicos e flexíveis de práticas de língua(gem) complexas, utilizadas pelas pessoas nas interações sociais para darem sentido a seus mundos. [...]em favor de uma pedagogia translíngue para o ensino de línguas, que preconiza a compreensão da capacidade dos sujeitos de usar seu repertório linguístico de forma flexível para a construção de significados, com a finalidade de se ajustarem às situações comunicativas.

O artigo "Contexto Migratório Internacional e Educação Escolar Fronteiriça: Discussão Acerca de Estudos Acadêmicos Stricto Sensu" de Patricia Teixeira Tavano e Marco Aurélio Machado de Oliveira, discute a realidade educacional vivida na fronteira entre Brasil e Bolívia, especialmente no município de Corumbá. Os autores analisam pesquisas de mestrado produzidas na região para compreender como ocorre a escolarização de estudantes migrantes bolivianos, sejam eles residentes no Brasil ou estudantes pendulares, que atravessam diariamente a fronteira para estudar. Tavano e Oliveira (2023, p. 02) justificam que:

> Essa característica das escolas corumbaenses se dá pela própria condição fronteiriça, que as leva a conviverem cotidianamente com esta pendularidade específica, descrevendo uma realidade onde "esses estudantes, constroem suas identidades a partir da pertença à cultura boliviana, e levam para as escolas sua língua, sua história, sua identidade, tensionado a relação pedagógica e as práticas docentes.

O artigo mostra que a fronteira não é apenas um limite geográfico, mas um espaço de intensas relações culturais, linguísticas e sociais, marcado por desigualdades, preconceitos e desafios educacionais. Os autores destacam que muitos estudantes bolivianos enfrentam dificuldades relacionadas à língua portuguesa, à adaptação cultural e até situações de xenofobia dentro das escolas. Tavano e Oliveira (2023, p. 10) ressaltam que:

> [...] são poucos os sujeitos que reagem às manifestações xenófobas, preferindo como estratégia o isolamento e silenciamento, pois, muitas das vezes, as ações e falas são interpretadas pelos agentes escolares como brincadeiras de criança. Essa interpretação é uma camuflagem da grave situação que se encontra cotidianamente nas escolas, e acaba por naturalizar a xenofobia, podendo acirrar o conflito e gerar mais manifestações. Finalizando, o autor indica não ter encontrado nas escolas ações mais consistentes e contínuas de combate à xenofobia.

O artigo também fala sobre prática docente em contextos fronteiriços, principalmente quando aborda a formação inicial e continuada dos professores que atuam nessas escolas. Os autores argumentam que muitos docentes não recebem preparação específica para trabalhar em contextos multiculturais e bilíngues, o que impacta diretamente o processo de ensino-aprendizagem dos estudantes migrantes. Tavano e Oliveira (2023, p.11) exemplificam que:

> Possivelmente, se os professores tivessem formações continuadas que lhes proporcionassem espaço de discussão de metodologias de ensino que sejam reconhecidas na facilitação da aprendizagem de estudantes falantes de outros idiomas, isso lhes daria um repertório alargado de opções e escolhas, refletindo em suas práticas cotidianas. Contudo, é preciso que atentemos que o planejamento e organização didática da aula implica não apenas na seleção das metodologias de ensino que poderiam ser facilitadoras, mas é também um reconhecimento do papel histórico, social e cultural que o elemento aula cumpre na educação escolar.

A discussão mostra que a prática docente na fronteira exige sensibilidade cultural, compreensão das identidades fronteiriças e capacidade de lidar com diferenças linguísticas e sociais no cotidiano escolar, que preparem os professores para atuar em realidades marcadas pela diversidade cultural e pelos fluxos migratórios internacionais.

O artigo "Políticas públicas de esporte escolar na fronteira Brasil-Bolívia: percepções dos professores de Educação Física", de Gilson Pacola e Carlo Henrique Golin (2023), analisa como as políticas públicas de esporte escolar são implementadas no contexto fronteiriço de Corumbá (MS), especialmente nas redes municipal e estadual de ensino. Os autores destacam que o esporte escolar, nesse contexto, é desenvolvido principalmente no contraturno das aulas, por meio de projetos de iniciação e treinamento esportivo, vinculados a programas e resoluções governamentais. A fronteira Brasil/Bolívia aparece no artigo como um espaço marcado por intensas trocas sociais, culturais e mobilidade de estudantes, o que torna a realidade escolar mais complexa e diversa. Pacola e Golin (2023, p. 04) exemplificam que:

> [...] existe na região um espaço caracterizado pela movimentação de pessoas com identidade própria, em que as trocas se estabelecem de formas diversificadas, sendo que as relações e os contatos entre as pessoas permanecem interligados por costumes, folclore, religião, entre outros, capazes de ocasionar aproximação ou mesmo distanciamento entre os fronteiriços.

Os professores de Educação Física entrevistados no estudo relatam que as políticas públicas de esporte escolar possuem grande importância para o envolvimento dos estudantes e para a formação esportiva, mas também enfrentam desafios significativos. Entre esses desafios estão a falta de infraestrutura adequada, dificuldades de participação dos alunos pendulares (que vivem na Bolívia e estudam no Brasil), além de barreiras como transporte e períodos de fechamento da fronteira. Pacola e Golin (2023, p. 06-07) relatam que:

> De maneira geral, existe evidência de que a fronteira não é notada pelo órgão estratégico, o qual é o responsável pela construção de políticas públicas locais Esta constatação foi percebida por Aguilar (2021, p. 43), ao identificar que a Semed não leva em conside-

> ração a região fronteiriça Brasil-Bolívia, particularmente "[...] no tocante a sua organização funcional, estrutura curricular e recursos humanos", conforme observou no "[...] último relatório bianual (2018-2019) de monitoramento e avaliação do Plano Municipal de Educação (2015-2025)".

O artigo também evidencia que a prática docente nesse contexto exige adaptações constantes, sensibilidade intercultural e estratégias pedagógicas que considerem a diversidade dos alunos. Assim, a atuação do professor de Educação Física na fronteira vai além da técnica esportiva, envolvendo também dimensões sociais, culturais e políticas do território fronteiriço.

Educação, Interculturalidade e Fronteira: Reflexões sobre a Prática Docente e Pedagógica

A análise dos estudos selecionados evidencia que a prática docente e a prática pedagógica em contextos de fronteira são fortemente influenciadas pela diversidade cultural, linguística e social que caracteriza esses territórios. Diferentemente de outros contextos, as escolas de fronteira convivem diariamente com estudantes que transitam entre diferentes países, línguas, identidades e formas de pertencimento. Nesse cenário, o trabalho docente ultrapassa a transmissão de conteúdos curriculares, exigindo dos professores a capacidade de compreender as especificidades culturais dos estudantes e de construir estratégias pedagógicas que dialoguem com essa realidade. Os estudos demonstram que a valorização das culturas locais, o reconhecimento das identidades híbridas e a promoção do diálogo intercultural constituem elementos fundamentais para o desenvolvimento de práticas educativas mais inclusivas e significativas (Silva; Silva, 2022; Souza; Carvalho, 2010; Peñalonzo, 2003).

Outro aspecto recorrente nas pesquisas refere-se à necessidade de os professores desenvolverem uma postura reflexiva e sensível diante das diferenças linguísticas presentes nas regiões de fronteira. Os autores apontam que muitos estudantes utilizam cotidianamente mais de uma língua ou transitam entre diferentes repertórios linguísticos, realidade que nem sempre é reconhecida pelas instituições escolares. Nesse contexto, a prática pedagógica precisa superar perspectivas homogêneas de ensino e considerar a linguagem como uma prática social vinculada às experiências dos sujeitos. Os estudos analisados mostram que a valorização do bilinguismo, das práticas translíngues e dos conhecimentos produzidos fora da escola favorece processos de ensino e aprendizagem mais democráticos, contribuindo para a inclusão e para o fortalecimento das identidades dos estudantes fronteiriços (Santos *et al.*, 2015; Santos, 2022; Pinto; Santana, 2020).

As pesquisas também revelam que a atuação docente em contextos fronteiriços é atravessada por desafios relacionados às desigualdades sociais, aos flu-

xos migratórios e às situações de preconceito e exclusão vivenciadas por muitos estudantes. Casos de xenofobia, dificuldades de comunicação e ausência de políticas educacionais específicas aparecem como obstáculos frequentes enfrentados pelas escolas. Diante dessa realidade, os autores destacam que o professor assume um papel central na construção de ambientes escolares acolhedores e inclusivos, atuando como mediador das relações interculturais e promotor do respeito às diferenças. Dessa forma, a prática docente passa a ser compreendida como uma ação ética e socialmente comprometida com a garantia do direito à educação e com a valorização da diversidade presente nos territórios de fronteira (Tavano; Oliveira, 2023; Weschenfelder; Oliveira; Fabris, 2021; Pinto; Santana, 2020).

Por fim, os estudos analisados convergem ao indicar que a construção de práticas pedagógicas exitosas em contextos de fronteira depende tanto da atuação dos professores quanto da existência de políticas públicas e processos de formação que considerem as especificidades desses territórios. A formação inicial e continuada dos docentes é apontada como um elemento essencial para o desenvolvimento de competências interculturais, linguísticas e sociais necessárias ao trabalho educativo nesses espaços. Além disso, as pesquisas demonstram que escolas resilientes e comprometidas com a inclusão tendem a fortalecer os vínculos entre escola, comunidade e cultura local, promovendo o sentimento de pertencimento dos estudantes e ampliando as possibilidades de aprendizagem. Assim, a prática docente e a prática pedagógica em contextos fronteiriços configuram-se como processos dinâmicos, que exigem adaptação constante, diálogo intercultural e compromisso com a construção de uma educação democrática e socialmente referenciada (Silva; Silva, 2022; Pacola; Golin, 2023; Santos, 2022).

Considerações Finais

A presente análise permitiu compreender que a prática docente e a prática pedagógica em contextos de fronteira são marcadas pela complexidade das relações culturais, linguísticas e sociais que caracterizam esses territórios. Os estudos investigados evidenciaram que as escolas fronteiriças constituem espaços de encontros, trocas e tensionamentos entre diferentes culturas, exigindo dos professores uma atuação que considere as especificidades dos sujeitos que vivenciam cotidianamente processos de mobilidade, interculturalidade e construção de identidades híbridas. Nesse sentido, a docência em regiões de fronteira ultrapassa a dimensão técnica do ensino, assumindo também uma função social, cultural e inclusiva.

Os resultados apontam que as práticas pedagógicas desenvolvidas nesses contextos precisam valorizar a diversidade linguística e cultural dos estudantes, promovendo o diálogo intercultural e o reconhecimento dos saberes produzidos

dentro e fora da escola. Questões relacionadas ao bilinguismo, às migrações, à xenofobia e às desigualdades sociais aparecem como desafios recorrentes, reforçando a necessidade de metodologias flexíveis e de uma postura docente sensível às realidades locais. Além disso, as pesquisas destacam a importância da formação inicial e continuada dos professores para o desenvolvimento de competências que favoreçam a inclusão e a construção de ambientes educativos mais democráticos.

Por fim, conclui-se que a prática docente e a prática pedagógica em contextos fronteiriços desempenham papel fundamental na promoção da equidade educacional e no fortalecimento do sentimento de pertencimento dos estudantes. A valorização das identidades culturais, o respeito às diferenças e a construção de práticas educativas contextualizadas mostram-se elementos essenciais para uma educação comprometida com a justiça social. Dessa forma, torna-se necessário ampliar os investimentos em políticas públicas e pesquisas voltadas à educação em regiões de fronteira, contribuindo para o fortalecimento de escolas capazes de responder às demandas e potencialidades desses territórios.

Declaração de Uso de Inteligência Artificial

Declaro que utilizei a ferramenta de Inteligência Artificial ChatGPT (versão 4.0, OpenAI) durante o processo de elaboração deste trabalho. O uso da tecnologia foi restrito ao apoio no aprimoramento gramatical e de estilo na seção de Discussão. Todo o conteúdo gerado pela ferramenta foi revisado, editado e validado pelos autores, que assumem total responsabilidade pela precisão, originalidade e integridade ética das informações apresentadas neste documento**.**

Referencias

BUMLAI, Danielle Urt Mansur; BILANGE, Elizabeth Maria Azevedo. Encontro intercultural em escolas da fronteira Brasil-Bolívia: diagnóstico para melhor integração. **Revista GeoPantanal**, Corumbá, v. 9, n. 17, 2014.

EGUES, Laiz Nascimento; TAVANO, Patricia Teixeira. Por uma educação plural e multicultural: escolas e práticas docentes fronteiriças. **ERR01**, v. 10, n. 6, 2025. DOI: https://doi.org/10.56238/ERR01v10n6-065.

FRANCO, Maria Amélia do Rosario Santoro. Prática pedagógica e docência: um olhar a partir da epistemologia do conceito. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 97, n. 247, p. 534-551, set./dez. 2016. DOI: https://doi.org/10.1590/S2176-6681/288236353.

GOLIN, Carlo Henrique; ASSUMPÇÃO, Luis Otávio Teles. Educação intercultural em escolas fronteiriças: diálogos sobre fricções culturais na fronteira Brasil-Bolívia. **Revista GeoPantanal**, Corumbá, 2017.

PACOLA, Gilson; GOLIN, Carlo Henrique. Políticas públicas de esporte escolar na fronteira Brasil-Bolívia: percepções dos professores de Educação Física. **Movimento**, Porto Alegre, v. 29, e29055, 2023. DOI: https://doi.org/10.22456/1982-8918.119121.

PEÑALONZO, Jacinto Ordóñez. La escuela, diferentes contextos culturales y culturas de frontera. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 149-155, maio/ago. 2003. DOI: https://doi.org/10.1590/S1413-24782003000200011.

PINTO, Raiane Paim; SANTANA, Maria Luzia da Silva. A educação especial inclusiva em contexto de diversidade cultural e linguística: práticas pedagógicas e desafios de professoras em escolas de fronteira. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Bauru, v. 26, n. 3, p. 495-510, 2020. DOI: https://doi.org/10.1590/1980-54702020v26e0199.

SANTOS, Maria Elena. Reflexões sobre a formação ampliada do professor de línguas para atuar em contexto multilíngue/multicultural de fronteira. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, São Paulo, v. 38, n. 4, 2022. DOI: https://dx.doi.org/10.1590/1678-460X202259480.

SANTOS, Maria Elena; LUNARDELLI, Mariangela Garcia; JUNG, Neiva Maria; SILVA, Regina Coeli Machado e. "Vendo o que não se enxergava": condições epistemológicas para construção de conhecimento coletivo e reflexivo da língua(gem) em contexto escolar. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, São Paulo, v. 31, n. especial, p. 427-454, 2015. DOI: http://dx.doi.org/10.1590/0102-4450760181373865441 8.

SANTOS, Tarissa Marques Rodrigues dos; TAVANO, Patricia Teixeira; BARREDA, Suzana Vinicia Mancilla; CONDE, Mariana Vaca. Contextos plurilíngues na fronteira Brasil-Bolívia: formação docente na rede municipal de ensino de Corumbá-MS. **Humanidades & Inovação**, 2024. DOI: https://doi.org/10.1590/1980-85852503880003202.

SILVA, Ana Milheiro da; SILVA, Sofia Marques da. Escolas resilientes: indicadores a partir de literatura e de projetos de escolas de fronteira. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 52, e08438, 2022. DOI: https://doi.org/10.1590/198053148438.

SOUZA, Regina Maria; CARVALHO, Alexandre Fulord de. O que ou quem eu sou, afinal de contas? Sou brasileiro ou uruguaio, professor? **Pro-Posições**, Campinas, SP, v. 21, n. 3, p. 97-115, 2010.DOI: https://doi.org/10.1590/S0103-73072010000300007.

TARDIF, Maurice. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários: elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas consequências em relação à formação para o magistério. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 13, p. 5-24, 2000. Acesso em: 19 maio 2026.

TAVANO, Patrícia Teixeira; OLIVEIRA, Marco Aurélio Machado de. Contexto migratório internacional e educação escolar fronteiriça: discussão acerca de estudos acadêmicos stricto sensu. **REMHU – Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, Brasília, v. 32, e321843, 2024. DOI: https://doi.org/10.1590/1980-85852503880003202.

WESCHENFELDER, Viviane Inês; OLIVEIRA, Joelma Fernandes de; FABRIS, Elí Terezinha Henn. Docência e relações interculturais na fronteira Brasil-Venezuela. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 102, n. 262, p. 668-688, 2021.DOI: https://doi.org/10.24109/2176-6681.rbep.102i262.4861.